

Proposta de representação dos DPs relativizados A análise [_{NP} CP NP]

Nélia Alexandre
Universidade Autónoma de Lisboa

1. Introdução

Há na literatura relevante propostas de análise dos DPs relativizados que conseguem captar bem o comportamento das estruturas relativas, mas que se revelam teoricamente desajustadas à luz da antissimetria da sintaxe, de Kayne (1994), e do PM (cf. a análise clássica de Ross (1967) – [_{DP} DP CP]).

Nesta comunicação, pretende-se argumentar a favor de uma análise alternativa para os DPs relativizados, tendo em conta a adequação descritiva e a explicativa.

Suponha-se, pois, que dentro do DP há projecções funcionais entre o D^o e o NP, as quais, se tiverem traços fortes, desencadeiam o movimento obrigatório de N para verificação desses traços. Esta ideia foi proposta por linguistas que analisaram a estrutura interna das expressões nominais, como Brito (1989), Longobardi (1994), Cinque (1995), entre outros. Com o objectivo de distinguir o PE do Inglês e do Francês, quanto à diferente ordem que estas línguas exibem entre certos Ds, Qs e possessivos e o N, Brito (1989) propõe que no interior do DP haja um AgrP que sirva para dar conta dos factos de concordância entre Ds e Ns.

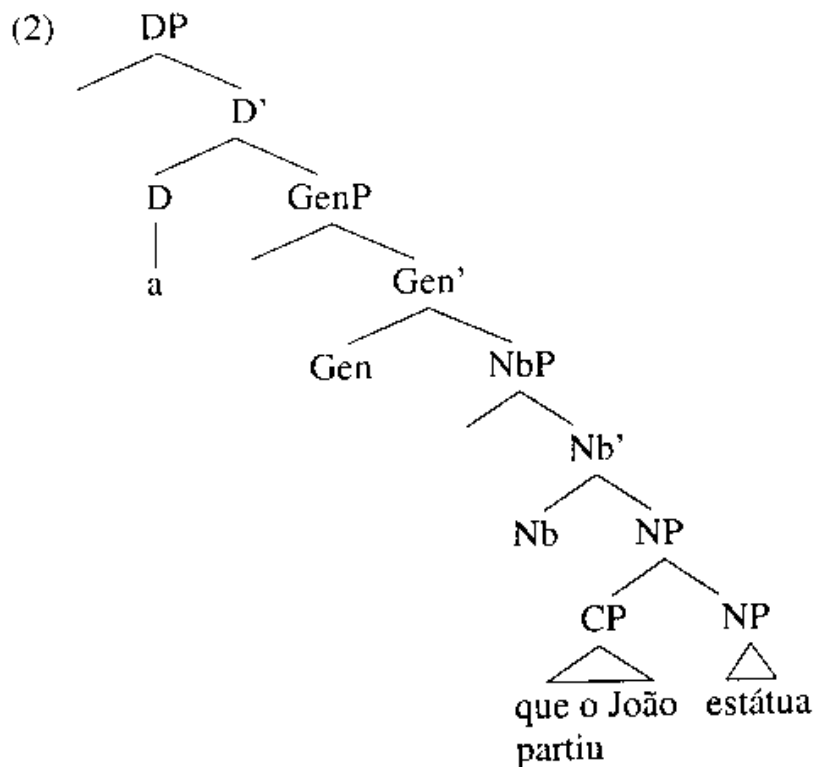
Comparando as posições de base dos APs que ocorrem nos DPs das línguas românicas e germânicas, Cinque parte da hipótese de que estes dois grupos de línguas exibem a mesma ordem (a saber, AP N) e de que a única coisa que difere entre eles é o movimento de N dentro do DP para NbP, movimento esse que pode ser ou não obrigatório.

A análise de Brito (1989) e a de Cinque (1995) vão ser aqui parcialmente adoptadas, visto que, por um lado, dão conta das assimetrias nas ordens entre constituintes que ocorrem nos DPs dos grupos românico e germânico e que, por outro lado, se coadunam com os princípios teóricos quer do PM, quer da antissimetria da sintaxe.

2. A Proposta

A hipótese que aqui será explorada é a de que o CP relativo é inserido na Numeração, associando-se ao NP por *Merge*, originando uma estrutura do tipo [_{NP} CP NP]. Desde modo, uma frase como a de (1) terá, numa primeira fase da derivação, a representação de (2).

(1) A estátua que o João partiu pertencia a uma colecção muito valiosa.



3. Questões que esta análise [_{NP} CP NP] suscita

Teoricamente, escapa-se assim ao problema que a análise [_{DP} DP CP] colocava, nomeadamente, o da adjunção básica à direita. Empiricamente, a estrutura [_{NP} CP NP] provará dar conta de casos polémicos como os que se encontram enunciados nas questões que esta análise suscita (cf. (3)).

- (3) a. Qual é a motivação para a ocorrência de duas categorias funcionais – GenP e NbP – entre D e NP?
 b. A estrutura [_{NP} CP NP] dá conta da ordem entre os adjetivos e/ou complementos nominais e as relativas?
 c. D° e NP formam um antecedente adequado para a categoria vazia presente no CP_{rel}?
 d. Qual o tratamento das relativas com antecedentes coordenados e das múltiplas?

3.1. Motivação para a Ocorrência de GenP e de NbP entre D e NP

Em (2), há duas categorias funcionais a ocorrer entre D e NP que estão especificadas quanto à sua natureza, encontrando-se assinaladas como GenP e NbP. Está-se assim, a argumentar a favor da existência de categorias funcionais de concor-

dância dentro do DP das línguas românicas, por analogia com a Teoria de *Split-I*, proposta por Pollock (1989) para a estrutura da frase.

Apesar de se estar a trabalhar num modelo teórico que impõe o máximo de economia nas representações sintácticas, demonstrar-se-á que há evidência empírica para se projectarem duas categorias funcionais de concordância entre D e NP e que são essas categorias que explicam o movimento do N dentro do DP distinto nas línguas românicas e no Inglês. Deve dizer-se, então, que a projecção de duas categorias funcionais entre D e NP, nas línguas românicas e em concreto no PE, obedece ao princípio de economia *effect* (Chomsky, 1995:294), segundo o qual um elemento só é introduzido na Numeração se a sua presença condicionar um determinado resultado na derivação, como se verá que é o caso. Assim, a hipótese de que se parte encontra-se formulada em (4).

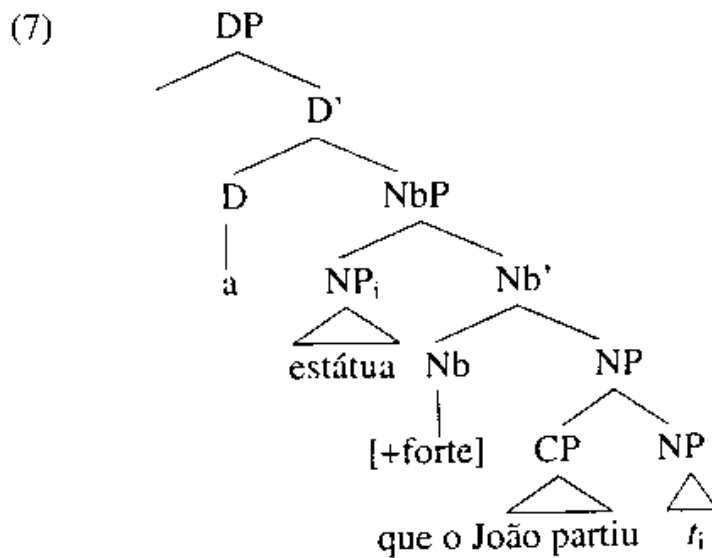
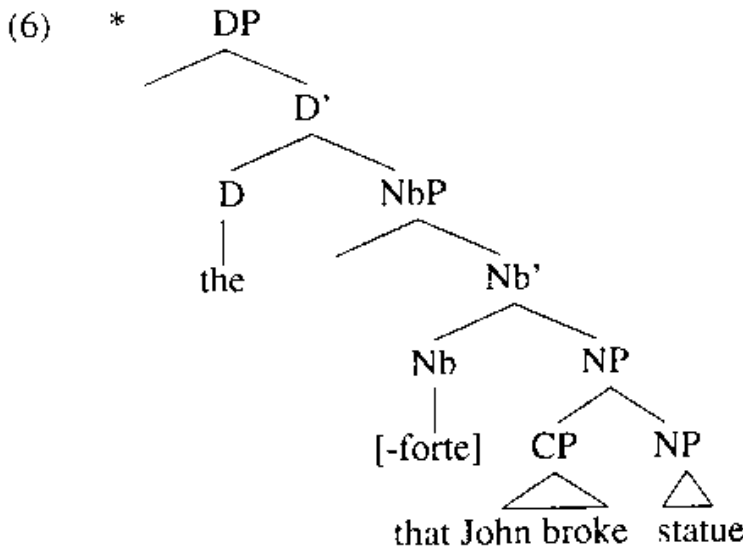
- (4) Nas línguas românicas, a estrutura interna dos DPs contém categorias funcionais de concordância de género – GenP – e de número – NbP. Em Inglês, só há evidência para a categoria funcional de NbP, logo, GenP não é projectado nesta língua.

3.1.1. O Problema do Inglês

A única ordem disponível em PE, e nas outras línguas românicas, para um DP relativizado é a ordem N + CP_{rel}. Adoptando a análise [_{NP} CP NP], a ordem N + CP_{rel} é obtida pelo movimento por adjunção do N para núcleo de uma categoria funcional (ou, se se tiver de mover um constituinte mais pesado, pelo movimento por substituição do NP para *Spec*). Na linha da análise de Cinque (1995), o NP move-se para *Spec*/NbP de modo a, aí, verificar o traço- ϕ de número do núcleo. É, então, a ‘força’ deste traço, *i.e.*, o valor [\pm forte], que torna o movimento do NP para *Spec*/NbP obrigatório ou não, permitindo distinguir assim as línguas românicas, com movimento obrigatório porque têm um traço- ϕ de número [+forte], do Inglês, sem movimento porque o traço- ϕ de Nb é [-forte], segundo Cinque (1995).

Contudo, em Inglês, a ordem entre o N e a oração relativa é a mesma que em PE (N + CP_{rel}). Se se adoptar apenas a categoria funcional que Cinque (1995) propõe – NbP, uma frase do Inglês como (5) teria de exhibir a ordem CP_{rel} + N, resultando numa derivação não-convergente (cf. (6)), enquanto nas línguas românicas, exemplificadas com o PE, a ordem seria derivada pelo movimento do NP para verificação do seu traço de Nb [+forte] (cf. (7)).

- (5) The statue that John broke ...



A partir de (6), pode concluir-se que uma análise à Cinque (1995) não dá conta da ordem N + CP_{rel} para o Inglês e que por isso deve ser revista e/ou reformulada.

O PE, e as línguas românicas em geral, caracteriza-se por ter DPs que exibem concordância de número e de género entre o D e o N (cf. (8)), ao contrário do que se verifica em Inglês, língua em que não há concordância de género e em que a concordância explícita de número apenas se verifica entre alguns Ds e Ns (cf. (9c)).

- (8) a. O(s) rapaz(es) / A(s) rapariga(s)
 b. El(los) niño(s) / La(s) niña(s)
 c. Le(s) garçon(s) / La(les) fille(s)

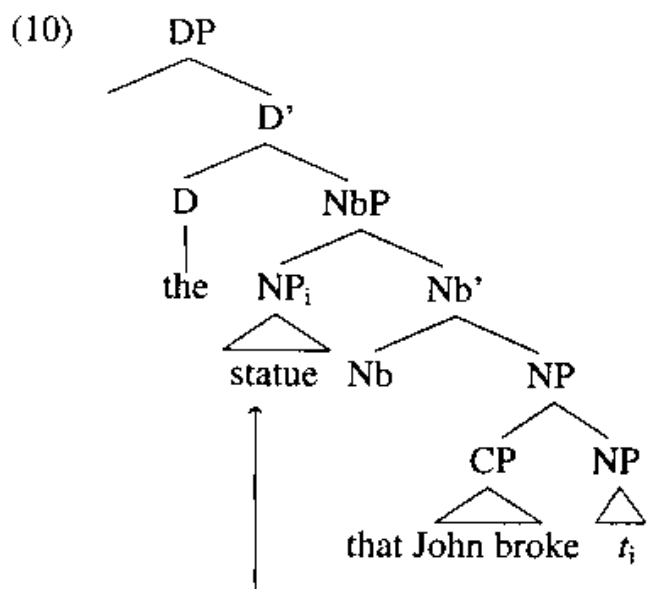
- (9) a. The boy / the(*s) boys
 b. The girl / the(*s) girls
 c. This boy / These boys
 d. That boy / Those boys

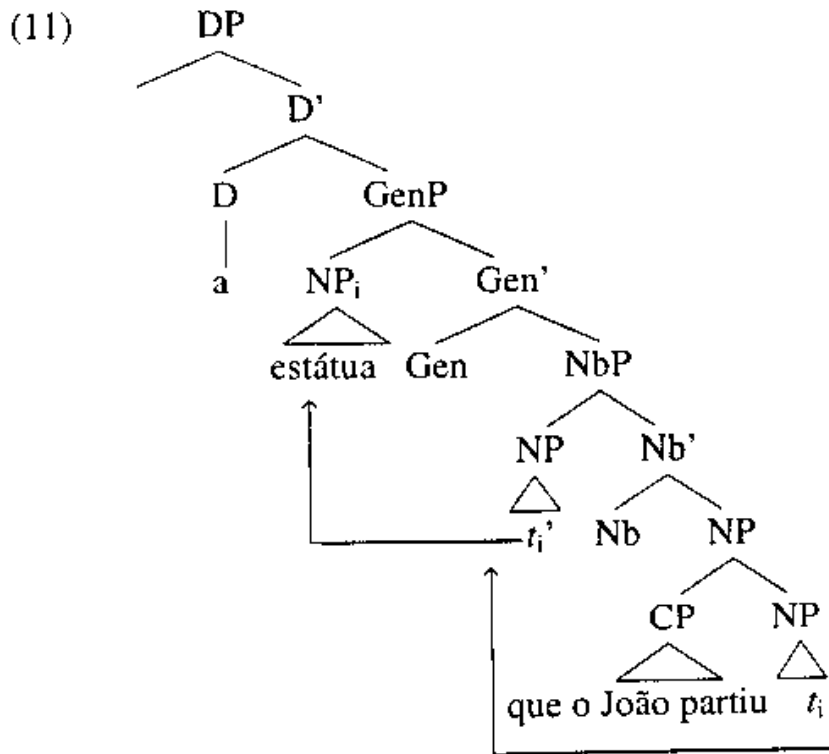
Os enunciados em (8) e (9) mostram que as línguas românicas têm um sistema nominal com uma flexão rica, enquanto o Inglês apresenta um sistema nominal flexionalmente pobre: nenhuns Ds exibem marcas de género e somente os D_{dem} – *this / these* e *that / those* – manifestam marcas de número.

Assuma-se então que, nas línguas românicas, há evidência para a projecção de duas categorias funcionais dentro do DP, uma para a concordância de género – GenP –, outra para a concordância de número – NbP. Como o Inglês nunca exhibe marcas de género, podendo contudo manifestar marcas de número, esta língua só tem evidência para a projecção de NbP. Aceita-se, então, a proposta de Brito (1989) de que

«In English, AGR [i.e., NbP] in NP is specified only for number features; (...) in this language, head-head agreement between DETs, Qs and AGR has in general no phonological consequences, i.e., DETs and Qs take ABSTRACT features which have no phonological realization (...)» (*id.*, p. 9).

Assim, a derivação de uma frase como (5), repetida em (10), terá de envolver movimento de NP para *Spec/NbP*, para verificar os seus traços abstractos de Nb. Por seu turno, as línguas românicas envolvem um movimento adicional para verificação do seu traço de Gen (cf. (11)).





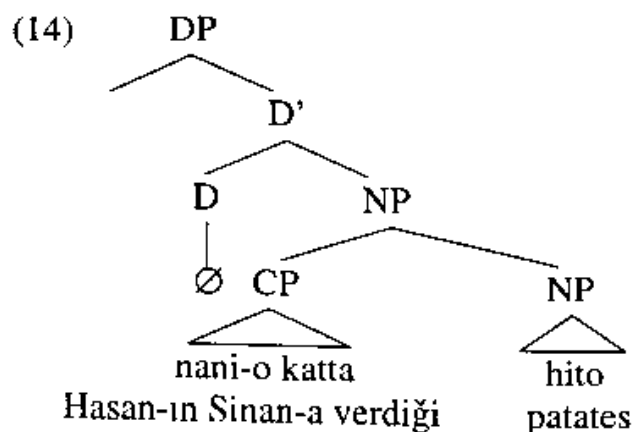
3.1.2. As línguas N-inicial *versus* as N-final

A estrutura [_{NP} CP NP] também consegue dar conta das línguas cuja ordem entre o antecedente da relativa e o CP_{rel} é designada por N-final (ex., Basco, Chinês, Coreano, Japonês (cf. (12)) e Turco (cf. (13))), distinguindo-as das línguas N-inicial (ex., Castelhana, Francês, Inglês, Italiano e Português). Ou seja, a ordem de umas, ao ser a imagem-espelho das outras, revela que a estrutura do DP relativizado nas línguas N-final deve ser diferente da estrutura das línguas N-inicial, condicionando resultados distintos.

Admitindo, à semelhança de Kayne (1994), que «(...) many N-final languages lack any equivalent of English *the*, so that the D° will not be visible» (*id.*, p 3), poder-se-á propor que nestas línguas, ao contrário das línguas N-inicial, não há evidência para a projecção, entre D e NP, de categorias funcionais de concordância. Não havendo categorias funcionais com matrizes de traços (realizados ou abstractos) que atraiam o NP, a ordem CP_{rel} + N é obtida sem a intervenção de um movimento do NP antes de *Spell-Out*. Vejam-se os enunciados do Japonês (cf. (12)) e do Turco (cf. (13)) e respectiva derivação em (14).

- (12) Kimi-wa [_{CP} nani-o katta] [_{NP} hito]-o sagasite iru no.
 Tu-top o que-ACUS comprar pessoa-ACUS olhar-para
 'Estás a olhar para a pessoa que comprou o quê.'
 (adaptado de Lasnik & Saito, 1992:36)

- (13) [Hasan-in Sinan-a verdiği] patates-i yedim.
 Hasan-GEN Sinan dar batata-ACUS eu-comer
 'Eu comi as batatas que o Hasan deu ao Sinan.'
 (adaptado de Comrie, 1981:142)



3.1.3. A Ordem entre os Adjectivos e/ou os Complementos Nominais e as Relativas

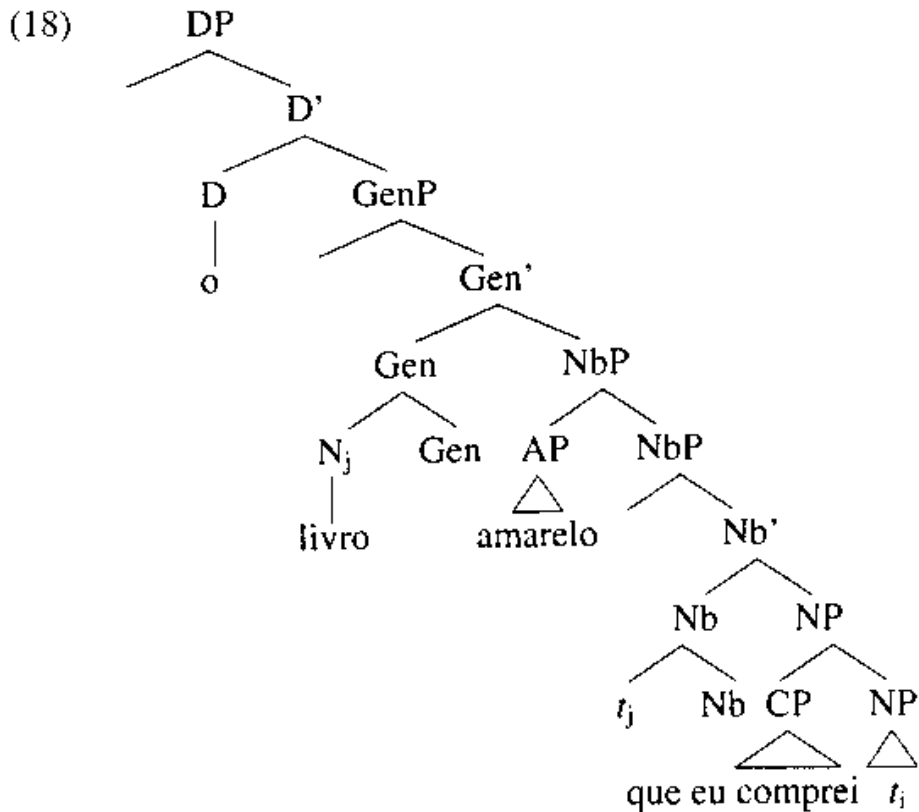
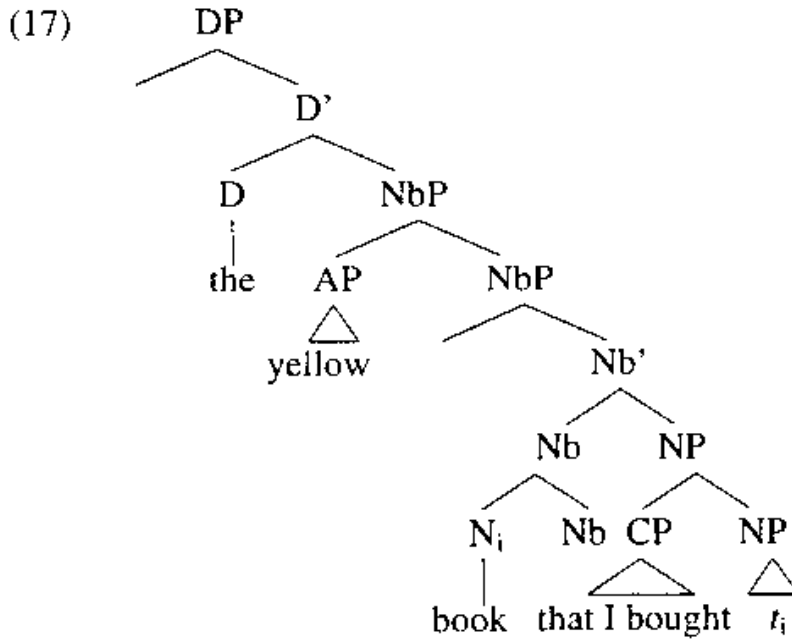
Relativamente à questão da ordem entre Adjectivos e oração relativa, o CP_{rel} tem de seguir, em PE e em Inglês, o Adjectivo (como em (15) e (16), respectivamente).

- (15) a. O livro [AP amarelo] [CP que eu comprei] ...
 b. *O livro [CP que eu comprei] [AP amarelo] ...

- (16) a. The [AP yellow] book [CP that I bought] ...
 b. *The book [CP that I bought] [AP yellow] ...

Tal distribuição entre Adjectivos e frases relativas indica que os APs devem ser inseridos na Numeração antes do NP ao qual se adjunge o CP_{rel}. A questão que daí decorre é saber em que posição se insere o AP.

Sendo a ordem entre As e Ns diferente nas línguas em consideração – N + A, para o PE (cf. (15a)), e A + N, para o Inglês (cf. (16a)) –, assumir-se-á que o AP é inserido na mesma posição nas duas línguas e que a ordem N + A é derivada por um movimento adicional do NP sobre o AP, tal como Cinque (1995) propõe. Diverge-se aqui da proposta de Cinque, quanto à posição em que o AP ocorre, porque este deve aparecer antes de NbP (e depois de GenP nas línguas românicas). Ou seja, em Inglês, língua que só projecta NbP, o N move-se até Nb para verificar os seus traços- ϕ abstractos, obtendo-se a ordem D + AP + NP + CP_{rel} (cf. (17)). Em PE, língua que projecta GenP e NbP, o N move-se para Nb, onde verifica os seus traços- ϕ de número, e depois o N desloca-se para adjunção a Gen, de modo a verificar os traços de género, derivando a ordem D + N + AP + CP_{rel} (cf. (18)).



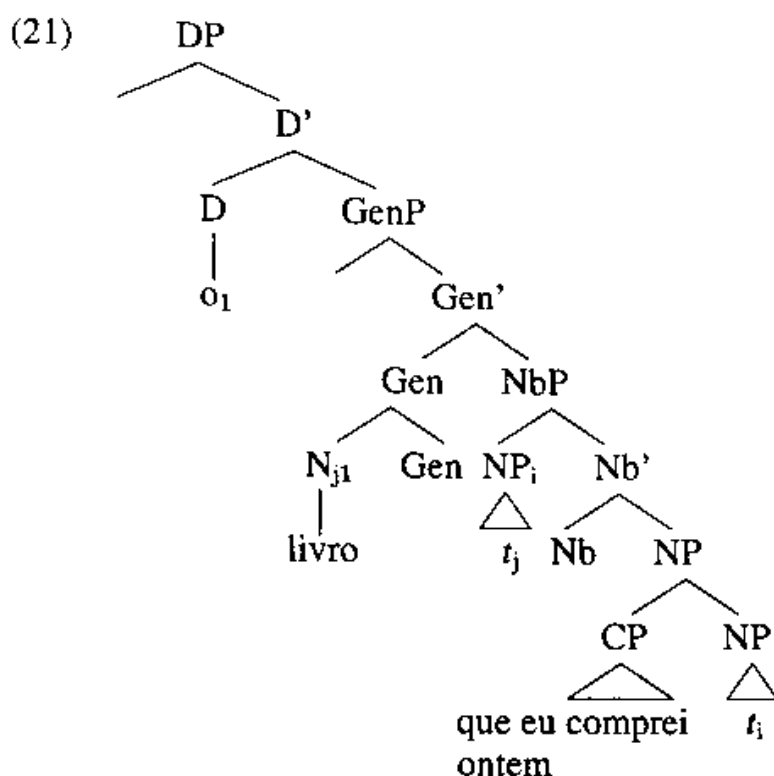
Quanto à ordem entre os complementos nucleares do N e as relativas, esta também é explicada pela análise $[_{NP} CP NP]$. Em PE, o complemento nuclear do N tem de preceder o CP_{rel} (cf. (19a)), não sendo permitida a ordem $CP + PP$ (cf. (19b)). Deste modo, para se obter uma derivação convergente, é todo o $NP + PP$ que se move para *Spec/GenP* (no caso de não haver APs a intervir), através do *Spec/NbP*, deixando a oração relativa *in situ*, como em (20).

- (19) a. O [NP livro [PP de linguística]] [CP que eu comprei ontem] ...
 b. *O [N livro] [CP que eu comprei ontem] [PP de linguística] ...

- (20) [DP [D' o [GenP [NP livro de linguística]_i [Gen' Gen [NbP t_i' [Nb' Nb [NP [CP que eu comprei ontem] t_i]]]]]]] ...

3.1.4. D^o e NP Formam um Antecedente para a Categoria Vazia Presente no CP_{rel}

D e NP, em *Spec/GenP*, funcionam como o antecedente da oração relativa porque eles estabelecem uma relação privilegiada, pois o [D o], ao c-comandar GenP, mantém com ele uma relação local de Núcleo-complemento. Se o [D o] c-comanda GenP, então c-comanda o N adjunto ao núcleo Gen e ambos recebem o mesmo índice (cf. (21)).

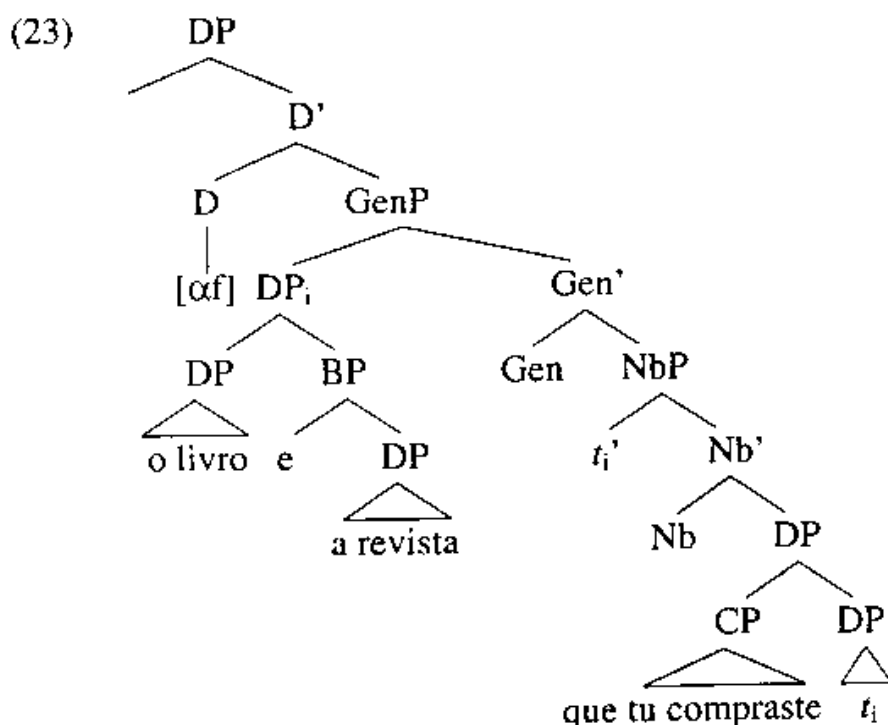


3.1.5. Relativas Múltiplas e com Antecedentes Coordenados

Quando as estruturas relativas têm como antecedente um constituinte coordenado, é toda a expressão coordenada, e não apenas as partes que a compõem, que funciona como antecedente da oração relativa, funcionando como um único constituinte. A análise que se está a propor – [NP CP NP] –, sendo a oração relativa adjunta a NP, só será teoricamente adequada se se assumir que o CP_{rel} está adjunto a DP e não a NP, já que a coordenação de NP & DP não é legítima. Ou seja, o

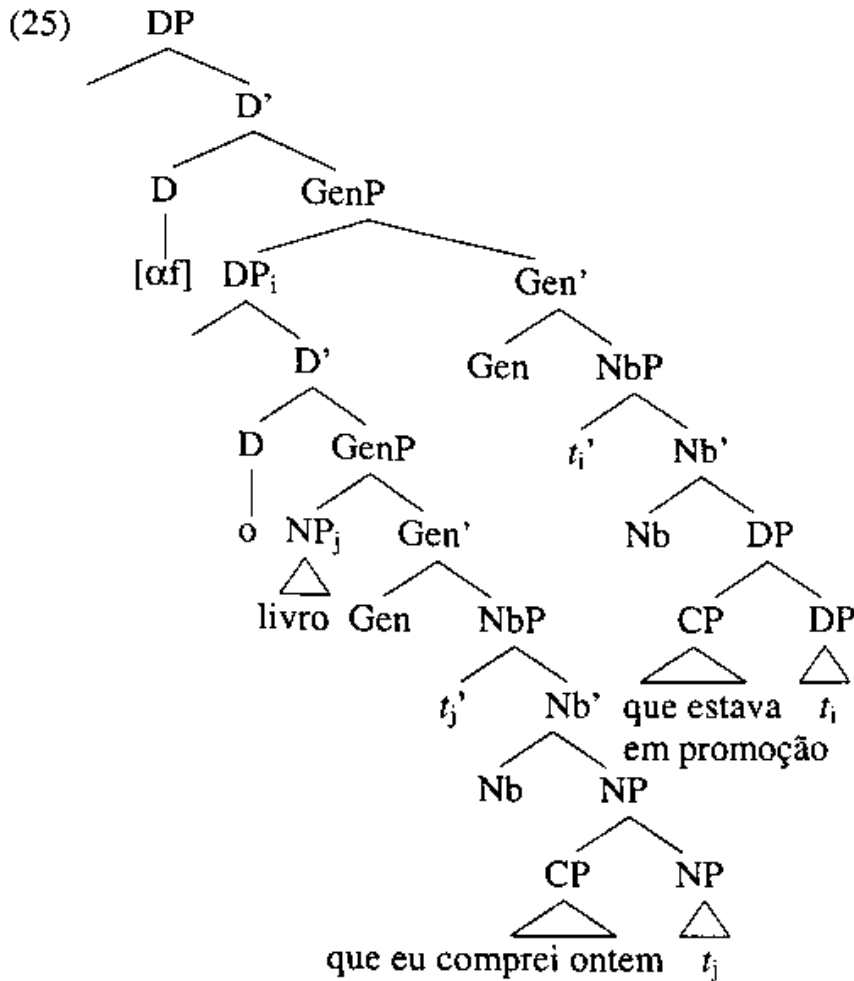
conjunto coordenado entra na Numeração e um CP adjunge-se a ele, por *Merge*. Visto que um elemento relativizado tem de ser seleccionado por um D, a consequência desta adjunção do CP_{rel} a DP é o movimento do DP para *Spec/GenP* provocado por *Attract F*, de modo a que o DP entre numa relação de verificação dos traços formais de D. Realce-se ainda que a relação de verificação se estabelece, concretamente, entre D e o núcleo do DP, *i.e.*, *livro* em (22), dado que, sendo o primeiro elemento, ele é o núcleo do conjunto coordenado.

(22) [DP O livro e a revista] [CP que tu compraste] não servem para nada.



No que diz respeito às relativas múltiplas ou “empilhadas”, recorde-se que a interpretação da categoria vazia presente no CP adjunto mais alto terá como antecedente não só o NP, mas também o(s) CP(s) adjuntos mais baixos. Sugere-se, assim, que numa frase como a de (24), em que a categoria vazia na posição de SU do segundo CP_{rel} é interpretada em relação a *o livro que eu comprei ontem*, a oração relativa *que estava em promoção* seja inserida na Numeração depois de se ter formado o objecto [DP que eu comprei ontem livro], para se obter a desejada relação de escopo. Para se dar conta da ordem N + CP + CP, em (24), o raciocínio desenvolvido para as relativas com antecedentes coordenados também vai ser adaptado a este caso. Significa isto que, quando há “empilhagem” de orações relativas, os CPs relativos mais próximos do N adjungem-se a DP, movendo-se todo o novo objecto para *Spec/GenP*, pelas mesmas razões que acima. Para além deste movimento, há um adicional, dentro do DP deslocado, que consiste na atracção do NP por parte dos traços de número e de género desse D (cf. (25)).

(24) [_{DP} O livro [_{CP} que eu comprei ontem]]_i [_{CP} que _{t_i} estava em promoção] ganhou um prémio.



Referências Bibliográficas

- ALEXANDRE, Nélia. 2000. *A Estratégia Resumptiva em Relativas Restritivas do Português Europeu*, Diss. de Mestrado, Lisboa: FLUL.
- BRITO, Ana Maria Barros de. 1989. "Nominal Specifiers in European Portuguese", *"Workshop" sobre Gramática Generativa*, 1-25, Óbidos: APL, ms.
- . 1991. *A Sintaxe das Orações Relativas em Português: Estrutura, mecanismos interpretativos e condições sobre a distribuição dos morfemas relativos*, Diss. de Doutorado, INIC: Porto.
- CARSTENS, Vicki. 2000. "Concord in Minimalist Theory", *Linguistic Inquiry*, 31:2, 319-355, Mass.: MIT.
- CHOMSKY, Noam. 1986a. *Barriers*, Cambridge, Mass.: MIT Press.
- . 1995. *The Minimalist Program*, Mass.: MIT Press.
- CINQUE, Guglielmo. 1995. "On the Evidence for Partial N-movement in the Romance DP", *Italian Syntax and Universal Grammar*, 287-309.
- COMRIE, Bernard. 1981. *Language Universals and Linguistic Typology – Syntax and Morphology*, 2ª ed., Cambridge, Mass.: Blackwell Pub, 1989.

- KAYNE, Richard S. 1994. *The Antisymmetry of Syntax*, Linguistic Inquiry, Monograph Twenty Five, Mass.: MIT Press.
- LASNIK, Howard & SAITO, Mamoru. 1992. *Move α* , Mass.: MIT Press.
- LONGOBARDI, Giuseppe. 1994. "Reference and Proper Names: A Theory of N-Movement in Syntax and Logical Form", *Linguistic Inquiry*, 25: 4, 609-665, Mass.: MIT Press.
- PESETSKY, David. 1981. "Complementizer – Trace Phenomena and the Nominative Island Condition", *The Linguistic Review*, 1: 297-343, Dordrecht: Foris Pub.
- RIZZI, Luigi. 1990. *Relativized Minimality*, Mass.: MIT Press.
- ROSS, John R. 1967. *Constraints on Variables in Syntax*, Diss. de Doutorado, Indiana University Linguistics Club, Indiana: MIT Press.